

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

A FEMINILIDADE EM FREUD E NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRE PSICANÁLISE E CULTURA

Giovanna Campanini Delefrati (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Marcos Leandro Klipan (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: giovannadelefrati@gmail.com

Palavras-chave: Psicanálise. Diferença sexual. Feminilidade. Cultura.

A presente pesquisa tem como objetivo realizar um retorno à teoria freudiana da diferença sexual a fim de investigar a temática da feminilidade tal como aparece em parte da obra de Freud e refletir sobre a forma negativa como ela se configura nas construções teóricas deste autor, que considera que a diferença anatômica é a base para as distinções de gênero. Para isso, com o objetivo de abordar a temática da feminilidade de forma a explicitar as repercussões, contribuições e impasses freudianos, bem como o desafio da busca por equidade nas relações de gênero, elaboramos uma pesquisa de modalidade bibliográfica e de caráter exploratório que utiliza do método psicanalítico; e que tem como objeto de análise a valorização do masculino e a negatização do feminino presentes na teoria freudiana. Os principais pontos analisados foram os paradigmas e as imposições socioculturais historicamente construídas sobre a figura da mulher, que a escalam em uma condição hierarquicamente inferior ao homem, produzindo preconceito, intolerância e discriminação; caracterizando uma visão de inferioridade e rebaixamento, e para isso foi preciso compreender a concepção de Freud, que ancora a sexualidade feminina no recalque, complexo da castração e no complexo de Édipo. Baseado nisso, foram explicitadas e analisadas formulações a respeito do desenvolvimento da noção de feminilidade em Freud e a interpretação que outros autores realizam da obra freudiana; o que exibiu a necessidade da criação de novas reflexões que possibilitem diálogos inovadores que desassistam teorias que constroem o feminino a partir do masculino, buscando deixar desamparada a vigência do paradigma falocêntrico, evidenciando formas de subjetivação que residam fora do registro fálico. Até mesmo porque a feminilidade, como forma de subjetivação, conquistada pelas mulheres com o passar do tempo juntamente as transformações sociais fomentaram possibilidades de diferenciação criando um novo esboço do que é o feminino. Logo, é preciso levar em consideração que essas premissas não atendem a complexidade das subjetividades como são experienciadas atualmente já que sobretudo, ainda carecem de explicações prudentes e sensatas a respeito de questões como o nascer ou o se tornar mulher. Com isso, juntamente as contribuições de autores pós-freudianos questionamos a supremacia fálica de forma que feminilidade deva ser referenciada além do Édipo a partir de novas interlocuções entre psicanálise e gênero com base no cenário atual e de forma renovadora.